

FILOLOGIA ROMÂNICA EM ISTAMBUL

As raízes da romanística de língua alemã remontam ao movimento romântico, com seu entusiasmo pelas manifestações do que se chamava então “espírito dos povos”. Dante e Petrarca, Cervantes e Calderón são cultuados por Herder, August e Friedrich Schlegel, E. T. A. Hoffmann e tantos outros, como Ludwig Tieck, que escreve ainda uma novela sobre Camões (*A morte do poeta*). E começam também a surgir, a partir de 1821, os trabalhos notáveis de Friedrich Christian Diez (1794 – 1876), entre os quais dois livros sobre trovadores occitânicos dos séculos XII e XIII (seu interesse por essa literatura nasce de um encontro com Goethe), um estudo sobre as origens da poesia cortesã em Portugal assim como uma gramática e um dicionário etimológico das línguas neolatinas. Com essas publicações inaugura-se uma disciplina filológica que no século XX receberá extraordinárias contribuições de nomes como Karl Vossler, Victor Klemperer, Ernst Robert Curtius, Leo Spitzer, Hugo Friedrich ou ainda Erich Auerbach (1892 – 1957), autor do extraordinário *Mimesis*, em que textos latinos, franceses, italianos e espanhóis estão presentes em dezessete dos vinte capítulos que acompanham a “realidade representada na literatura ocidental” (como diz o subtítulo) ao longo de três milênios.

Além de *Mimesis*, Auerbach deixou-nos vários outros trabalhos, como os célebres ensaios “*Sermo humilis*” e “Figura”, estudos luminares de filologia românica, conforme se denomina na França a disciplina fundada no país vizinho por Diez, mas também o compêndio de caráter mais didático que se apresenta aqui ao leitor brasileiro em nova edição. Redigido originalmente em francês e publicado na Turquia em 1943, o presente livro (*Introduction aux études de philologie romane*) destinava-se em primeiro lugar a estudantes de Letras na Universidade de Istambul (a tradução turca, *Roman Filojisine Giriş*, aparece no ano seguinte) e veio substituir uma apostila que cumpria a mesma finalidade e fora elaborada por Leo Spitzer, seu antecessor no exílio e na docência em Istambul.¹

Ainda que a língua e a literatura francesa fiquem com a “parte do leão” neste compêndio sinótico, é a um italiano que talvez se possa atribuir a posição central no vastíssimo material trabalhado por Auerbach. Trata-se de Dante Alighieri, autor não

¹ Pela segunda vez Auerbach assumia uma cadeira ocupada antes por Leo Spitzer, supervisor de sua livreria (1929) sobre Dante Alighieri. A primeira se deu em 1930 na Universidade de Marburg, após a transferência de Spitzer para a Universidade de Colônia, onde funda em 1932 o Instituto Português-brasileiro, importante centro da lusitanística alemã.

apenas da maior criação poética de toda a Idade Média, mas também de uma obra teórica que o destaca como grande precursor dos estudos de filologia românica. Dante escreveu *De vulgari Eloquentia* em latim, já que queria levar a eruditos de outras partes da Europa suas reflexões sobre a situação literária e linguística contemporânea. Discorrendo sobre a origem e constituição de três línguas vulgares (*lingua d'oc*, ou provençal, *lingua d'oïl*, da qual resulta o francês moderno, e, sobretudo, o próprio idioma natal, a *lingua del sì*, com seus 14 dialetos); discorrendo ainda sobre gêneros e temas literários, sobre os trovadores e a incipiente poesia italiana, o tratado dantesco enfoca um momento linguístico-literário que, pode-se dizer, constitui a articulação fundamental do livro de Auerbach. Pois se esse momento se caracteriza, sobretudo, pelo esforço das línguas vulgares em conquistar dignidade poética e alçar-se ao mesmo patamar do idioma de Virgílio, assinala-se que o teórico alemão abre a parte literária desta introdução tão somente após ter percorrido a origem e o desenvolvimento dos vernáculos na România (“a península ibérica, a França, uma parte da Bélgica, o oeste e o sul dos países alpinos, a Itália com suas ilhas, e por fim a Romênia”) até alcançar esse ponto em que poetas – em primeiro lugar Dante, mas também os autores da *Chanson de Roland* e do *Cantar de Mio Cid* – passam a valer-se de suas línguas maternas como meio de expressão artística. Desse modo, a constelação linguístico-literária enfocada por Dante em *De vulgari Eloquentia* pode ser vista como uma espécie de divisor de águas do presente estudo de Auerbach.

O assunto destas páginas é, como se percebe, não só dos mais vastos como também sobremaneira complexo e nuançado. A exposição, todavia, se destaca pela clareza e objetividade, proporcionando-nos uma visão bastante concreta de fenômenos lexicais, fonéticos, morfológicos e sintáticos no âmbito das línguas românicas, especialmente da francesa. Também a história do latim vulgar nos é apresentada de maneira extraordinariamente vívida, desde suas origens a partir do latim clássico até o esboroamento definitivo de sua unidade entre os séculos VI e VII, quando passa a ser absorvido com mais intensidade pelos falares regionais – ou as chamadas “línguas de substrato” como o catalão, castelhano (para não dizer já “espanhol”), francês, italiano, português, provençal etc.

O estudo comparado das línguas românicas, assinala Auerbach, constitui a fonte mais rica para o conhecimento do latim vulgar, demonstrando-nos concretamente a procedência desse postulado em diversos momentos do estudo. Não menos elucidativa configura-se sua abordagem das relações entre o latim vulgar e o clássico, ou seja, a

língua de Cícero e Virgílio. O autor nos mostra aqui como o latim clássico, com seu complexo sistema flexional baseado em seis casos (nominativo, acusativo, genitivo, dativo, vocativo, ablativo), prestava-se de maneira excelente, abstraindo-se de seu uso literário, a uma elite que tinha também a incumbência de organizar e sistematizar a administração do vasto império romano. Com o declínio deste e a ascensão paulatina do latim vulgar, o intrincado sistema flexional clássico (de resto extremamente difícil para o povo) começa a perder-se e, cada vez mais, vai cedendo terreno a uma tendência linguística para a apresentação concreta e plástica dos fenômenos. Daí advém o emprego generalizado de preposições (também uma característica das línguas românicas), que substituem o quadro flexional mais abstrato do latim clássico, cuja “ordem e relações interessavam menos às pessoas que viviam uma vida limitada e cotidiana, e cujo horizonte não abrangia mais, após a decadência e a queda do império, nem a Terra inteira, no sentido geográfico, nem o universo dos conhecimentos humanos”. Debruçando-se ainda sobre a predileção do latim vulgar e das línguas românicas, em seus estágios iniciais, por construções coordenadas mais simples, Auerbach demonstra-nos com admirável clareza os estreitos vínculos entre a estrutura de uma língua e as efetivas condições de vida de seus falantes.

Vale ressaltar igualmente a relevância que o autor atribui a desdobramentos históricos na formação das línguas românicas. Sobressai-se aqui o capítulo sobre as invasões bárbaras (que a língua alemã chama de “migração dos povos”, *Völkerwanderung*), desencadeadas por volta de 375 d. C. com a incursão dos hunos rumo à Europa ocidental. Abre-se grande espaço aos deslocamentos dos vândalos (que, segundo certas tradições, teriam se estabelecido na Andaluzia, designada então com um “v” inicial), visigodos, burgundos, saxões, longobardos e outros povos, especialmente os francos, “grande povo germânico” cuja língua, o frâncico, foi a que mais palavras forneceu ao francês (mas também aos demais falares da România), atrás apenas do latim.

Este estudo de Auerbach se destaca ainda por outras explanações de imenso interesse, como a referente aos dois surtos de “latinização” experimentados pelas línguas românicas, o segundo deles no período em que elas conquistam autonomia literária e se veem diante da necessidade de enriquecer seu vocabulário, o que as faz recorrer amplamente ao latim; ou quando se enfoca a influência que a presença árabe na península ibérica, entre o início do século VIII até o final da Reconquista em 1492,

exerceu sobre a formação do castelhano, do catalão e, ainda, do português, a “última flor do Lácio” na conhecida metáfora parnasiana.

*

Contudo, se os influxos da história sobre a constituição das línguas românicas são apontados com admirável percuciência por Auerbach, será que as vicissitudes políticas de seu próprio tempo, que o levaram a exilar-se em Istambul, transparecem em algum momento deste estudo filológico? Quando o autor observa, no capítulo sobre a colonização romana, que “o termo ‘povo romano’ não é um conceito racial” ou que a expansão de Roma se deveu muito mais a injunções políticas do que ao objetivo explícito de dominar o mundo, o leitor é levado forçosamente a pensar nos fundamentos raciais e imperialistas do nacional-socialismo, cujos crimes só começariam a ser avaliados em toda sua extensão dois anos mais tarde. Nessa mesma perspectiva deve-se entender a observação sobre a flexibilidade com que os romanos souberam adaptar-se às tradições dos povos submetidos, por exemplo, na medida em que buscaram aproximar os deuses locais a Júpiter, Mercúrio, Vênus etc.; ou ainda as considerações sobre as guerras romanas, que teriam sido em primeiro lugar, sobretudo aquelas empreendidas contra as tribos germânicas, defensivas – e mesmo “a guerra ofensiva não era, por sua vez, senão uma defesa preventiva”.

Também como contraste à situação política que reinava em seu país natal, onde muito provavelmente teria sido enviado a um campo de extermínio se não tivesse fugido para a Turquia², assoma a imagem da Inglaterra esboçada no trecho que aborda o século XVIII na França, em particular a produção intelectual assim como a atuação de Voltaire, impelido em certo momento de sua vida a buscar refúgio no país anglo-saxão que “por essa época, começava a tornar-se o que continuou a ser desde então: uma monarquia constitucional cujos habitantes desfrutavam de grande liberdade [...] trabalhando em comum na base de uma tolerância quase completa”. A mesma visão se reitera algumas páginas adiante, quando Auerbach associa o extraordinário florescimento que a literatura experimentou no século XIX (é preciso ter em mente que

² Desse destino escapou por pouco o romanista Victor Klemperer (1881 – 1960), conforme o relato que faz em seus diários publicados sob o título *Ich will Zeugnis ablegen bis zum letzten* [Quero prestar testemunho até o fim]. Na noite de 13 para 14 de fevereiro de 1945, três dias antes da deportação prevista, o devastador ataque aéreo que ingleses e americanos lançam sobre Dresden destrói a “casa de judeus” em que Klemperer se encontrava detido, possibilitando-lhe a fuga.

No Brasil essa obra foi publicada sob o título *Os diários de Victor Klemperer – Testemunho clandestino de um judeu na Alemanha nazista 1933-1945* (São Paulo, Companhia das Letras, 1999 – tradução de Irene Aron).

a produção romanesca que leva de Stendhal e Balzac a Émile Zola aparece em *Mimesis* como o momento culminante do realismo ocidental) a uma liberdade de pensamento e palavra que jamais se desenvolvera com tamanha pujança e sob tão ampla base. E se as garantias de tolerância e livre expressão foram violentamente suprimidas em “alguns” países europeus (*dans quelques pays européens*), em outros, sobretudo os anglo-saxões, foi possível resistir às tendências totalitaristas e defender a liberdade sem a qual “quem quer que a tenha conhecido não desejaria viver”, arremata Auerbach puxando a única nota de rodapé da edição original: “*Ecrit en 1943*”.

E quanto ao país que o acolheu enquanto refugiado, será que Auerbach também pôde relacionar as explanações filológicas desenvolvidas nesta *Introduction* a aspectos da realidade turca? No capítulo sobre o latim vulgar, discorrendo sobre o significado da dimensão temporal nas transformações sofridas por toda língua, o autor oferece aos seus estudantes um exemplo que lhes devia ser bastante palpável, ou seja, a situação linguística dos judeus espanhóis que se refugiaram na Turquia após sua expulsão pelos reis católicos Fernando II e Isabel I no final do século XV. Esses judeus continuaram, ao longo dos séculos subsequentes, a falar o espanhol; interrompido, porém, o contato efetivo com o país de origem, sua língua evoluiu de maneira muito particular, conservando arcaísmos que já haviam desaparecido na península ibérica e, desse modo, abrindo aos estudiosos a possibilidade de reconstruir o “estado linguístico do espanhol no século XV”. Além disso, podemos especular se os próprios estudantes turcos não eram levados a contrastar o processo secular em que se dão as transformações linguísticas, tal como demonstrado amplamente por Auerbach à luz do latim e dos falares românicos, com a reforma, tão fulminante quanto radical, a que Mustafa Kemal Atatürk (1881 – 1938) submeteu o idioma turco, que a partir de um decreto promulgado em 1928 passa a valer-se do alfabeto latino em substituição ao árabe.

Sabemos, no entanto, que Auerbach nutria simpatias pelo criador da moderna e laica República turca, e numa carta enviada a Walter Benjamin em janeiro de 1937 – num momento, portanto, em que Atatürk ainda era vivo – encontra-se a seguinte observação: “O *grand chef* é um autocrata simpático, inteligente, generoso e espirituoso, totalmente diferente de seus colegas europeus, isto é, na medida em que converteu esse país num Estado propriamente dito e também na medida em que ele é absolutamente despojado de retórica”. E alguns parágrafos adiante: “A reforma linguística, ao mesmo

tempo fantasticamente arcaico-turca (libertação do influxo árabe e persa) e técnico-moderna, faz com que nenhuma pessoa com menos de vinte e cinco anos de idade possa ler qualquer texto religioso, literário ou filosófico que tenha sido escrito há mais de dez anos e também que, sob injunções da escrita latina introduzida há poucos anos, a peculiaridade da língua se deteriore rapidamente”.³

**

Contudo, se a partir das considerações de Auerbach sobre a história do latim e das línguas românicas, pode-se estabelecer uma relação com o contexto cultural e social do país que o acolheu em sua fuga perante o nacional-socialismo, do ponto de vista literário seria possível esboçar algumas aproximações entre este compêndio e *Mimesis*, o principal fruto intelectual de seus anos em Istambul e uma das maiores obras da teoria literária e literatura comparada de todos os tempos.

Como sabido, o fio que alinhava os vinte capítulos voltados à “realidade representada na literatura ocidental”, citando novamente o subtítulo, consiste na doutrina da separação e da mescla de estilos (*Stiltrennung* e *Stilmischung*). A percepção desse princípio estilístico possibilitou a Auerbach conferir ao seu estudo, desenvolvido sob um arco temporal que se estende das epopeias homéricas e das histórias do Antigo Testamento até romances de Virginia Woolf e Marcel Proust, um ponto de fuga que falta a muitas obras historiográficas de caráter mais enciclopédico, como a monumental *História da literatura ocidental*, de Otto Maria Carpeaux.

No quadro teórico desenvolvido em *Mimesis*, mas que já se esboça *in nuce* na *Introduction*, o advento do Cristianismo teria criado os pressupostos para superar a regra da separação estilística que vigorava nos grandes trágicos gregos, cujos heróis e heroínas provêm das mais elevadas esferas, como Édipo, Antígona ou Fedra. O Cristianismo, porém, ao fundir o mais sublime com o mais humilde (o nascimento do filho de Deus numa manjedoura), abre caminho a uma literatura que, ao longo de toda a

³ In “5 Briefe Erich Auerbachs an Walter Benjamin in Paris”, publicado por Karlheinz Barck em *Zeitschrift für Germanistik* 6, 1988, citação à página 691.

Como sabido, numa carta anterior (23 de setembro de 1935) Auerbach escrevia a Benjamin que pensara indicar seu nome para uma cátedra de literatura alemã na então recém-fundada Universidade de São Paulo.

As cartas de Auerbach a Walter Benjamin foram traduzidas por Luiz Costa Lima e estão publicadas na Revista 34 Letras (número 5/6, setembro de 1989 – páginas 60 – 80).

Idade Média, voltou as costas àquela regra fundamental da Antiguidade grega. No entanto, por falta de interesse na vida terrena e histórica, a literatura cristã não pôde gerar um realismo propriamente dito, isto é, norteado pela intenção de dispensar tratamento sério ao cotidiano. Essa possibilidade se delineia, paradoxalmente, com a grande epopeia da cristandade (a *Commedia*, impregnada da paixão de Dante pela vida política e secular) e, dois séculos mais tarde, ganha novo impulso após o enfraquecimento das concepções cristãs enquanto explicação universal dos desdobramentos históricos – em termos de história literária, após o realismo criatural de Rabelais e, sobretudo, depois das reflexões de Montaigne sobre a *humaine condition*, para citar esses dois nomes franceses tão caros a Auerbach. Todavia, é nesse momento favorável à constituição de procedimentos miméticos voltados à realidade mundana que a recepção humanista da tradição cultural clássico-antiga recupera a mencionada regra da separação estilística, que experimenta então o seu apogeu durante o classicismo francês, mais exatamente com Pierre Corneille e Jean Racine. Como já ocorrera dois milênios antes nas obras de Ésquilo, Sófocles ou Eurípedes, os grandes destinos trágicos e sublimes voltam a ser atribuídos apenas a personagens aristocráticas ou que se situam no topo da escala social, como se poderia ilustrar com os seguintes versos de Corneille, que Raul Pompéia incorporou ao seu romance *O Ateneu* com nítida intenção crítica: *Et comme il voit en nous des âmes peu communes / Hors de l'ordre commun il nous fait des fortunes.*⁴

Por razões simples de entender, Auerbach renunciou a desenvolver semelhantes reflexões neste compêndio introdutório; no entanto, podemos reconhecer nele alguns momentos fundamentais do arcabouço teórico construído em *Mimesis*. Assim é que, ao discorrer, no longo capítulo dedicado ao Cristianismo, sobre as várias seitas que se propagavam na Palestina durante os últimos anos do imperador Tibério (14 – 37 d. C.), Auerbach refere-se à doutrina anunciada por Jesus de Nazaré como “ao mesmo tempo mística e simples, ou, como se exprimiam os Pais da Igreja, ao mesmo tempo sublime e humilde”. O autor empenha-se então em elucidar aos seus estudantes turcos o papel essencial que personagens como Paulo de Tarso e Simão Cefas, nome aramaico do apóstolo Pedro, desempenharam na difusão da fé cristã. Auerbach concentra assim,

⁴ “E como ele vê em nós almas pouco comuns / Fora da ordem comum ele nos faz os destinos”. Os versos pertencem à tragédia *Horace* (3ª cena do 2º ato). Na tradução de Jenny Klabin Segall, que procura preservar o esquema rímico e rítmico dos alexandrinos de Corneille: “E como vê em nós ânicos invulgares, / Fora da ordem nos cria auspícios singulares”.

nesse segmento da *Introduction*, pensamentos que podemos encontrar nos capítulos iniciais de *Mimesis*, por exemplo, a referência ao impressionante “trabalho interpretativo” levado a cabo, nos primórdios do Cristianismo, por Paulo, secundado depois pelos Pais da Igreja (capítulo “A cicatriz de Ulisses”); ou, no capítulo subsequente (“Fortunata”), o extraordinário destaque conferido à história da negação de Pedro que, enquanto exemplo de uma “colossal oscilação pendular”, é contrastada com um trecho do historiador romano Tácito e um fragmento do romance *Satíricon*, de Petrónio. Mas tal “oscilação pendular” (*Pendelausschlag*) se mostra, no pensamento de Auerbach, tributária justamente da mescla estilística, a qual é caracterizada no compêndio em contraposição à antiga regra da separação de estilos que presidía à tragédia grega: “Ora, para os cristãos, o modelo do sublime e do trágico era a história de Jesus Cristo. Mas Jesus Cristo se tinha encarnado na pessoa do filho de um carpinteiro; sua vida sobre a terra se passara em meio a gente da mais baixa condição social, homens e mulheres do povo; sua paixão tinha sido o que havia de mais humilhante; e precisamente nessa baixez e humilhação consistia o sublime de sua personalidade e do Evangelho que ele e seus apóstolos haviam pregado. O sublime da religião cristã estava intimamente ligado à sua humildade, e essa mescla de sublime e humilde, ou melhor, essa nova concepção do sublime baseada na humildade, anima todas as partes da história santa e todas as lendas dos mártires e confessores. Por conseguinte, a arte cristã em geral, e a arte literária em particular, não tinham o que fazer da concepção antiga do sublime”.⁵

Ainda no contexto da tradição cristã dos primeiros séculos se poderiam levantar outros pontos de contato entre os dois livros de Auerbach redigidos em Istambul. Mencionemos apenas a figura de Santo Agostinho, referido na *Introduction* como o maior gênio da Antiguidade tardia, ao qual remonta “toda a tradição europeia da introspecção espontânea, da investigação do eu”, e que comparece no terceiro capítulo de *Mimesis* com um trecho de suas *Confissões*, analisado com admiráveis recursos estilísticos e hermenêuticos. A poderosa obra agostiniana desempenhou assim um papel

⁵ Reflexão semelhante encontra-se no 7º capítulo de *Mimesis*, que se abre com a análise de um diálogo entre Adão e Eva extraído da peça natalina francesa do século XII *Mystère d'Adam*: “Na antiga teoria, o estilo de linguagem elevado e sublime chamava-se *sermo gravis* ou *sublimis*; o baixo, *sermo remissus* ou *humilis*; ambos deviam ficar rigorosamente separados. No Cristianismo, ao contrário, ambos se encontram fundidos desde o início, especialmente na Encarnação e na Paixão de Cristo, em que tanto a *sublimitas* como a *humilitas* se concretizam e se unem no grau mais elevado”.

fundamental para a constituição de uma nova imagem do ser humano, com consequências literárias que, ultrapassando em muito os limites da arte cristã *strictu sensu*, teriam se estendido, na visão de Auerbach, até Shakespeare assim como Cervantes e outros autores espanhóis do *Siglo de oro*.

Excetuando-se o capítulo inicial sobre Homero e o Antigo Testamento, depois sobre Shakespeare (“O príncipe cansado”) e, por fim, sobre Schiller e Goethe (“O músico Miller”), *Mimesis* não apresenta nenhum outro capítulo que não permitiria estabelecer relações, à luz dos autores enfocados, com considerações tecidas no presente compêndio. De maneira sumária e esquemática podemos mencionar, limitando-nos apenas a três obras da literatura medieval francesa que em *Mimesis* receberão ampla análise: *História dos Francos*, escrita no final século VI pelo bispo Grégoire de Tours e que, segundo nos ensina Auerbach, revela as formas da língua falada; a anônima *Chanson de Roland*, caracterizada como “o monumento literário mais popular da Idade Média francesa”; *Yvain*, de Chrétien de Troyes, exemplo modelar do “romance cortês”, gênero que floresceu no século XII e elucidado aqui, assim como a “canção de gesta” criada em torno de figuras como Rolando e Carlos Magno, em seus traços essenciais.

Porém, com todas as relações que se possam estabelecer entre *Mimesis* e o compêndio, o objetivo deste é evidentemente bem mais modesto: passar aos estudantes de Letras de um modo geral (e, em primeiro lugar, aos que frequentavam os cursos da Universidade de Istambul) uma visão panorâmica das línguas, das literaturas e, em extensão menor, da história dos povos românicos. Por outro lado, esse panorama abre espaço a autores – sobretudo líricos como François Villon, Francesco Petrarca ou Jorge Manrique – que mal puderam ser mencionados no estudo sobre a “realidade representada”.

As literaturas de que provêm os três grandes poetas citados são as que mais espaço recebem neste compêndio, conferindo-lhe também a estrutura sinótica. A portuguesa, infelizmente, não é contemplada senão com algumas referências a Camões, autor da “mais bela epopeia da Península Ibérica [...] a grande epopeia do oceano, que conta a viagem de Vasco da Gama ao redor da África e a colonização portuguesa das Índias”. (No tocante ao tratamento literário do Cristianismo, em particular do plano divino da salvação, quão fecundo teria sido a Auerbach – podemos especular como leitores brasileiros – conhecer os autos de Anchieta ou os sermões de Vieira, para lembrar esses dois nomes de uma literatura que afinal pertence igualmente à tradição românica.)

Mas também outras lacunas ou pontos questionáveis poderiam ser apontados no panorama histórico-literário que Auerbach constrói tomando por balizas a Idade Média, a Renascença e o período designado como “tempos modernos”, com destaque ao Classicismo e ao Romantismo. Quem já leu alguma das grandes peças de Calderón de la Barca, fonte das mais ricas para o estudo da técnica alegórica, acolherá talvez com certa reserva o patamar inferior (“menos vigoroso e menos completo”) que lhe é atribuído na comparação com Lope de Vega. E para outros leitores seriam certamente muito bem-vindas explanações mais extensas sobre Giacomo Leopardi e Alessandro Manzoni, dada a proeminência com que suas obras, para Auerbach, se destacam na literatura italiana.

O segmento conclusivo do capítulo sobre as épocas literárias intitula-se “vista de olhos ao último século”, mas o leitor terá percebido que o enfoque recai exclusivamente sobre poetas e narradores franceses, fechando-se o panorama com o grande ciclo romanesco de Marcel Proust. Nesse contexto Auerbach postula, de maneira resumida, o que em *Mimesis* decorre das acuradas análises textuais empreendidas no penúltimo e no antepenúltimo capítulo: a possibilidade de tratamento sério da realidade cotidiana e histórica, a qual começa a delinear-se após a obra de Dante – “poeta do mundo terreno”, para citar o título de outro estudo de Auerbach – e é suprimida pelo advento do Classicismo francês, irá concretizar-se apenas com Stendhal e Balzac, os verdadeiros criadores do realismo moderno. Subjaz a seus romances um processo de secularização e temporalização no qual a realidade passa a ser representada não mais enquanto expressão da criação divina, mas sim em sua imanência histórica, decorrente das ações e omissões do ser humano, cuja natureza também deixa de ser concebida como algo eterno e supratemporal.

Esse desenvolvimento teria alcançado então o seu apogeu, na visão que Auerbach nos apresenta em *Mimesis*, com Émile Zola, que “levou a sério a mistura de estilos”, sendo “um dos pouquíssimos escritores do século que criaram sua obra a partir dos grandes problemas da época”. Surpreendentemente, porém, o compêndio dedica ao autor de *Germinal* apenas algumas poucas palavras, um espaço ínfimo se comparado aos extensos e belos comentários dispensados a Rabelais, criador dos gigantes Pantagruel e Gargantua e, sobretudo, a Montaigne, por cujos *Ensaio*s Auerbach já revela a imensa admiração que se desdobra com amplitude ainda maior no 12º capítulo de *Mimesis*. Seria inteiramente plausível afirmar que essa admiração se enraíza nas afinidades que o crítico literário terá sentido com os procedimentos mobilizados pelo filósofo de Périgord. Pois se este buscava aprofundar-se na particularidade de uma vida “baixa e

sem lustro”, como está dito no ensaio “Sobre o arrependimento”, a fim de atingir a universalidade da *condition humaine*, a orientação estilístico-hermenêutica de Auerbach o faz concentrar-se num fragmento textual para ir construindo aos poucos uma compreensão cada vez mais ampla, até chegar às características gerais da época literária em que o fragmento se insere.⁶

A despeito, contudo, de toda a empatia e admiração que Auerbach efetivamente nutriu pelo ensaísta francês, seria legítimo afirmar que sua relação com Dante Alighieri se deu de maneira ainda mais forte e intensa. Em primeiro lugar, ele enxergava no autor do tratado *De vulgari Eloquentia* o grande patrono dos estudos de filologia românica, conforme se exprime nesta *Introduction* em que Dante figura como o nome mais citado.⁷ Além disso, o “poeta do mundo terreno” ocupa com sua *Commedia* posição fulcral na concepção de mescla estilística e de realismo desenvolvida por Auerbach ao longo de sua obra – uma posição que só encontra paralelo no significado que o autor atribui ao moderno romance francês, conforme se explicita num texto de 1953, “Epilegomena a *Mimesis*”, que em sua parte final aproxima esses dois campos temáticos.

E por fim há que se ressaltar, no plano pessoal, a profunda identificação de Auerbach com a experiência de exílio que coube ao florentino. Essa identificação vai tão longe que, numa carta que envia ao tradutor da *Commedia* Karl Vossler, Auerbach ilustra a própria situação de refugiado em Istambul com os célebres versos que, no 17º canto do *Paradiso*, Cacciaguida dirige a seu descendente Dante como profecia da

⁶ Embora seja inteiramente procedente falar, em relação aos trabalhos de Auerbach, em hermenêutica e estilística, no “Epílogo” de *Mimesis* ele caracteriza os procedimentos mobilizados em seus vinte capítulos, de maneira bastante simples, como “método da interpretação de textos”.

Já nesta *Introduction aux études de philologie romane* abre-se todo um subcapítulo para discorrer sobre o método da “explicação de textos”. A leitura das considerações aqui desdobradas (citando nomes como o de Leo Spitzer ou Benedetto Croce) deixa claro que no fundo se trata da mesma “interpretação de textos” referida naquele “Epílogo” (e menos da *explication de texte*, de cunho mais didático e que se desenvolve na França nas primeiras décadas do século XX).

⁷ Entre as várias referências a Dante, Auerbach destaca também – retomando o que foi assinalado no início deste posfácio – o seu papel pioneiro na história das línguas românicas. Pois se estas, seguindo o exemplo do latim vulgar, demonstraram durante muito tempo acentuada predileção por construções paratáticas ou de subordinação bastante simples, o advento da literatura dantesca durante o *dolce stil nuovo* representa uma mudança de paradigma: “os primeiros períodos que dominam um conjunto de fatos são encontrados por volta de 1300, sobretudo nas obras de Dante”. Uma admirável demonstração deste postulado se encontra no 8º capítulo de *Mimesis*, “Farinata e Cavalcante”, em que Auerbach, logo após parafrasear as tercinas do diálogo entre Dante e os dois condenados que dão título ao capítulo, observa: “Há aqui mais coisas concentradas do que em qualquer outra das passagens que abordamos até agora neste livro, e não apenas mais coisas, não apenas coisas mais graves e dramáticas num espaço tão estreito, mas também tudo é, em si, mais multifacetado”.

dolorosa “flecha” que o “arco do exílio” estava prestes a desferir-lhe: *Tu proverai sí come sa di sale / lo pane altrui, e come è duro calle / lo scendere e 'l salir per l'altrui scale.*⁸

Mas se Dante, como de certo modo se esboça na sequência do diálogo com Cacciaguida, saberia converter as adversidades no maior presente jamais ofertado ao povo italiano, aos leitores de Auerbach fica a convicção de que seu convívio com os grandes textos da literatura mundial, e em especial da tradição românica, possibilitou-lhe amenizar em muito a amargura do exílio.

Marcus Mazzari

⁸ Na tradução de Graça Moura: “Tu provarás assim sabor a sal / do alheio pão e como é duro mal / se desça escada alheia ou já se escale”.

Datada de 10 de outubro de 1938, esta carta encontra-se reproduzida no volume que traz como título as palavras de Cacciaguida na tradução do próprio Vossler: *Und wirst erfahren wie das Brot der Fremde so salzig schmeckt. Erich Auerbachs Briefe an Karl Vossler, 1926 – 1948*, organizado por Martin Vialon (Warmbronn, 2007).